

TURISMO E CULTURA

Uma proposta de roteiro turístico para a Estância Turística de São Pedro-SP

Prof. Ms. Ari da Silva Fonseca Filho¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo suscitar um estudo teórico sobre a relação entre turismo e cultura na contemporaneidade. As reflexões foram direcionadas para justificar e apresentar o projeto técnico intitulado *Lugares de Gustavo Teixeira: re-visitando os patrimônios culturais são-pedrenses*, realizado no município de São Pedro – SP, cuja proposta de educação turística e patrimonial foi trabalhada para sensibilizar munícipes e turistas com o intuito de incentivar comportamentos preservacionistas que visam a conservação e proteção dos patrimônios culturais da estância turística.

Palavras-chave: Pós-modernidade; Patrimônio Cultural; Desterritorialização; Educação patrimonial e ambiental.

¹ Coordenador do curso de Lato Sensu *Gestão Sustentável de Projetos Turísticos*, Docente de *Planejamento Organizacional do Turismo* e *Projetos Experimentais de Turismo* da Universidade Bandeirante de São Paulo. Assessor Pedagógico da Academia de Viagens e Turismo – BR. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR. Contato: arifonseca@usp.br.

TURISMO E CULTURA**Uma proposta de roteiro turístico para a Estância Turística de São Pedro-SP**

Prof. Ms. Ari da Silva Fonseca Filho

ABSTRACT

The objective of the present article is to incite the discussion about the relationship between Tourism and Culture in contemporaneity. The debates were directed to justify the project entitled Places of Gustavo Teixeira: re-visiting the cultural são-pedrenses, in the city of San Pedro – SP. Given this, the text attempts to show that the Tourism Education can be used to promote the protection and the sustainability of the Cultural Patrimonies.

KEYWORDS: Post-modernity; multiculturalism; tourism; education; cultural patrimony.

1. Turismo na contemporaneidade

“[...] O ribeirão, o cafezal, a horta...
Ah! Que saudade o coração me corta
Do lar querido que deixei chorando!”

Casa Paterna de Gustavo Teixeira,
poesia publicada no *Ementário* (1908).

A nossa intenção com o presente ensaio é provocar uma reflexão sobre o turismo nos dias atuais, tentando contextualizá-lo diante do fenômeno da pós-modernidade. Ao nos referirmos a esta, estamos visualizando um cenário real configurado sob influências de vários outros fenômenos, tais como a globalização; o multiculturalismo e a desterritorialização; a sociedade de massa e o consumismo; o poder da indústria cultural e o alto desenvolvimento tecnológico dos sistemas de comunicação e transportes. Pensamos nas instabilidades econômicas, nos conflitos sociais e culturais que implicam diretamente na vida do homem na atualidade. São elementos que não estamos nos propondo a defini-los, mas destacá-los como fatores de influência para a configuração do turismo contemporâneo.

Featherstone (1997), caracteriza a pós-modernidade como a dissolução e decadência da modernidade em que vigora a descentralização do sujeito, cuja continuidade biográfica e o senso de unidade cedem espaço para a fragmentação e ruptura do senso de identidade do indivíduo. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, consideramos esse mundo pós-moderno como sendo estruturado num tempo em que tudo pode ser considerado como se fosse um castelo de areia, frágil, inconsistente, provisório, efêmero tal como o ser humano (SEVCENKO, 1995).

Fragilidade e provisoriedade que atribuímos aos efeitos do fenômeno globalização, ou seja, o mundo que chamamos de globalizado é o responsável pela diminuição entre as

fronteiras e homogeneização das nações, levando ao desaparecimento do nacional para instituir o global. Efeito acirrado pelo modo de produção capitalista e pelo grande desenvolvimento tecnológico que revolucionou o modo de viver do ser humano, diminuindo as distâncias e o tempo entre as pessoas, interligando diferentes grupos culturais por meio do desenvolvimento de meios de transporte mais rápidos e seguros, telefonia e os meios de comunicação de massa e da rede mundial de computadores, a Internet.

No plano econômico também podemos identificar esse mundo global, onde abalos e oscilações de mercado como a desvalorização de moedas, aumento de preços dos barris de petróleo ou quebra de algum país, causam efeitos em todo o globo. Conflitos políticos e sociais, as guerras civis, santas; grupos separatistas, disputas por territórios, por jazidas de petróleo; a ameaça do terrorismo, os atentados globalizados e dispersados pelo mundo (EUA em 2001, Espanha em 2004 e Inglaterra em 2005), são fatores que estão presentes no nosso cotidiano e que nos marcaram ao longo da história.

É nesse contexto que pensamos o turismo. Fenômeno da sociedade contemporânea que não pode ser entendido isoladamente de outros fenômenos da sociedade, já que estes podem interromper ou interferir em tendências e destinações turísticas, ao cúmulo de até despertar interesses e motivar viagens para localidades que serviram de palco para atrocidades contra a humanidade, como campos de concentração do regime nazista, na Alemanha, ou o espaço onde estavam construídas as Torres Gêmeas, em Nova Iorque (EUA), antes dos atentados de 11 de setembro de 2001 (só para citar alguns casos).

A atividade turística teve seu crescimento acelerado a partir da segunda metade do século XX, período que Molina (2003) classifica como *turismo industrial*, ou seja, o autor afirma que nessa fase o turismo se converte em um fenômeno de deslocamentos massivos, gerando importantes consequências sociais, políticas, culturais, ambientais e financeiras, parte delas benéficas e outras contribuindo para provocar relações conflitivas.

As conseqüências desse turismo de massa foram, sem dúvida, a perda da identidade induzida pelo turismo, afetando a comunidade local e os destinos, que são consumidos como mercadorias. O termo industrial agregado ao turismo é utilizado pelo autor para se referir a grandiosidade que o fenômeno conquistou, principalmente a partir da década de cinquenta, do século passado, em que as empresas turísticas passam a se preocupar com os espaços visando a transformação destes em produtos turísticos, tendo seus agentes os responsáveis por estruturar o setor de acordo com a lógica do mercado, buscando um retorno financeiro imediato. Sendo assim, “[...] a indústria turística contribuiu para a colonização de diversos territórios e sociedades, ampliando significativamente as fronteiras do planeta” (MOLINA, 2003, p.24).

Desta forma, despontou-se como uma das principais atividades econômicas da contemporaneidade, por gerar divisas relevantes para a economia dos países. E devido a este fator, a questão econômica é, muitas vezes, utilizada para definir o setor, porque se transformou num fenômeno de grande importância para as sociedades, já que até em épocas de recessão e crise econômica, a atividade tem mantido uma dinâmica relevante em relação aos outros setores econômicos. Mas a questão econômica agora é em longo prazo e fruto de um planejamento de sucesso capaz de respeitar o meio ambiente, a comunidade e a cultura local das destinações turísticas. Com isso, o turismo

Deve ser considerado como produto da cultura, no sentido amplo deste termo. Por isso, as explicações de caráter econômico que são utilizadas para compreender a transcendência do turismo são, evidentemente, insuficientes, ainda que significativas, porque não contemplam e tampouco consideram a diversidade de dimensões do fenômeno (MOLINA & RODRIGUEZ, 2001, p.9).

Ainda com a intenção de melhor conceituar o turismo, consideraremos a seguinte idéia, que também pensa o turismo pela perspectiva da cultura e que nos servirá como referência para elaboração de nosso pensamento. O turismo: “[...] é fenômeno com base cultural, herança histórica, meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de

hospitalidade, troca de informações interculturais” (MOESCH, 2000, p.21). Assim, por meio deste breve recorte nas conceituações, deixamos claro o nosso posicionamento referente à conceituação de turismo que consideramos mais adequada, sendo a perspectiva cultural a que nos auxiliará na construção de nossos pensamentos e reflexões sobre o setor na contemporaneidade.

2. A cultura e sua relação com o turismo

Inicialmente, traçamos um breve panorama do turismo contemporâneo, tendo a incumbência de conceituá-lo para expor os pensamentos que nos influenciam nessa presente reflexão. Deste modo, partimos agora para a discussão da cultura e sua relação com o turismo.

A cultura pode ser entendida como um conjunto de características distintivas, espirituais, materiais, intelectuais e afetivas que caracterizam uma sociedade ou um grupo social. Envolve além das artes e das letras, as atividades, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. Ela é o modo distintivo de um povo, grupo ou sociedade. É dinâmica porque:

[...] cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do provir (LARAIA, 2003, p. 101).

Podemos entendê-la como os vários caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e perspectivas de futuro. Diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. A cultura tem a ver com o desenvolvimento da humanidade marcado por conflitos e contatos entre diferentes modos de se organizar a vida social, de se apropriar e transformar os recursos naturais para seu benefício (SANTOS, 1986).

A preocupação em entender o turismo sob a perspectiva da cultura nos remete à reflexão sobre a questão da identidade cultural, que na atualidade vem sofrendo intensas interferências - e vemos o turismo como sendo uma destas - e transformações que muitas vezes são negativas. Carlos (1996), em seu texto sobre o *Turismo e a produção do não-lugar*, afirma que o turismo é responsável por transformar tudo o que toca em artificial, criando um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório,

[...] onde o espaço se transforma em cenário para o espetáculo para uma multidão amorfa mediante a criação de uma série de atividades que conduzem a passividade, produzindo apenas a ilusão de evasão, e, desse modo, o real é metamorfoseado, transfigurado para seduzir e fascinar. Aqui o sujeito se entrega às manipulações desfrutando a própria alienação e a dos outros (CARLOS, 1996, p.26).

A autora defende a tese de que ao vender o espaço se produz a não-identidade e, com isso, a idéia do não-lugar, ou seja, baseia-se na teoria do *não-lugar* de Marc Augé (1992) para afirmar que o espaço é transformado em mercadoria com a possibilidade de consumi-lo de acordo com os desejos dos clientes e, portanto, torna-se artificial, sem sentido, descaracterizado, sem história, sem identidade. Isso porque:

[...] o lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade. Aí o homem se reconhece porque aí vive. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida (CARLOS, 1996, p.28).

Assim, a identidade está vinculada ao plano do vivido – como a própria autora afirma – ao que é conhecido e re-conhecido. A identidade, o sentimento de *pertencimento* ou formas de apropriação do espaço estão diretamente relacionadas com lugares habitados e marcados pela prática social, transformando a natureza em “produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo [...]” (CARLOS, 1996, p.28). E o não-lugar é definido como a produção ou construção de simulacros de lugares, por meio da não-identidade, que refletirá também em comportamentos e modos de apropriação desses lugares (Ibid.).

Para nos aprofundarmos na questão da identidade em tempos pós-modernos, partiremos das reflexões de Hall (2003), que no livro intitulado “*A identidade cultural na pós-modernidade*”, o autor vai trabalhar a questão da crise de identidade, que implicaria no declínio das velhas e tradicionais identidades que estabilizavam o mundo social e que no atual contexto mundial se encontram fragmentadas. O sujeito, hoje, possui diversas identidades, sendo estas muitas vezes contraditórias.

A noção de cultura não é mais facilmente definida, pois as concepções consagradas estão entrando em colapso devido às mudanças institucionais e estruturais. Afirma que “[...] o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2003, p.12).

O sujeito pós-moderno é caracterizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, é uma “celebração do móvel” (Ibid.) em que há uma constante transformação devido às influências de sistemas culturais presentes em nossas vidas. Nos dias atuais, fica muito complexo pensar na identidade cultural baseando-se numa cultura nacional, já que esta, cada vez mais, torna-se fragmentada, desterritorializada, sendo constituída não apenas por signos nacionais, mas afetada por influências externas. Sendo assim, como conservar a cultura nacional num mundo globalizado?

A tentativa de se constituir uma cultura nacional se pauta na intenção de se conservar as tradições, em sociedades que o passado é venerado como narrativa da experiência de um povo; os símbolos são valorizados e distinguem o grupo cultural. Em outras palavras, Featherstone (1997, p. 40), afirma que o aspecto simbólico dos bens tem o seu papel enquanto comunicadores, pois: “[...] os bens são usados para delimitar fronteiras entre os grupos, para criar e demarcar diferenças ou o que existe de comum entre grupos de pessoas”.

Portanto, podemos afirmar que o espaço carrega elementos e símbolos que identificam determinado grupo humano e a partir da delimitação de fronteiras entre grupos, os bens

podem servir, positivamente, para contribuir com sentimento do indivíduo pertencer ao lugar. Vale destacar que o contrário também é possível, ou seja, pela delimitação de fronteiras, distinguindo-se as diferenças entre grupos culturais, pode haver conflitos e comportamentos etnocentristas entre os sujeitos. E como evitar? A resposta seria minimizar conflitos e respeitar as diferenças por meio de esforços oriundos da educação, pois os símbolos sociais que identificam o lugar são recursos educativos passíveis de serem utilizados na construção de conhecimentos sobre o próprio local. E como pensar neste trabalho educativo e socializador num mundo globalizado?

A globalização tende a destruir as identidades locais, regionais, nacionais para instituir o global, padronizando e homogeneizando as culturas. Se a tendência da contemporaneidade é essa, devemos nos preocupar – e muito – com os efeitos nocivos dessa globalização, pois acreditamos que a diversidade cultural é de grande interesse para a humanidade e motivação para o turismo. As pessoas viajam porque desejam ampliar sua visão de mundo e conhecimentos sobre locais de culturas peculiares.

Talvez, em resposta ao fenômeno da globalização e as antigas práticas do turismo de massa, hoje identificamos o surgimento de um novo turista que busca a realização interior em viagens que dá ênfase ao meio ambiente e à compreensão da cultura e da história de localidades distintas de sua residência habitual. Quer conhecer diferentes modos de vida para se enriquecer culturalmente. Valorizam os roteiros inóspitos, desconhecidos, localidades aonde o turismo de massas ainda não chegou e não são configuradas como produtos turísticos e comercializados por agências de viagens e operadoras turísticas.

Elaboram itinerários próprios fugindo de paisagens de sempre e dicas de viagens incutidas nos guias turísticos. Querem conhecer lugares comuns aos autóctones, por considerarem autênticos e com alguma identidade local. Com isso, a globalização por mais que tenha efeitos avassaladores, não podemos nos dar por vencidos e desacreditar em

mudanças. Precisamos concentrar nossos esforços para encontrar brechas para sobreviver neste “olho do furacão”.

Canclini (1999), um relevante estudioso latino-americano de cultura urbana, defende a tese de que as grandes cidades vivem numa época em que a cultura está sofrendo os efeitos da *desterritorialização e des-historização*, ou seja, uma considerável parcela da população que nela habita provém de diversas localidades e, conseqüentemente, não se identificam e nem se comprometem com problemáticas gerais da cidade, apenas com problemas locais que afetam diretamente seus interesses pessoais.

As reivindicações e protestos são sempre sem uma contextualização no desenvolvimento histórico, por não constituírem parte deste. Vivem fragmentos de cidade, desintegrando esta devido ao *multiculturalismo*. Criam em seus bairros e lares *simulacros* para ambientar suas origens e tradições, o que implica na constituição de uma identidade heterogênea dos grandes centros. E ainda, para agravar mais o estado das grandes cidades, sob influência do mercado global, as cidades se preparam para se reordenar com intuito de formar grandes sistemas transnacionais de informação, comunicação, comércio e turismo, assim atraindo investimentos internacionais e projetando o centro urbano no mercado global (Ibid.).

Em resposta aos efeitos da *desterritorialização* e a perda da memória coletiva das sociedades, o autor sugere que uma maneira de se buscar a integração seria pela valorização dos espaços públicos, bairros, centros históricos, em suma, do patrimônio cultural, como forma de se manter a memória viva e o sentido da cidade como expressão das comunidades locais e também resistência ao mercado internacional (CANCLINI, 1999). Utilizamos essa idéia como uma forte argumentação para se instituir políticas de *educação patrimonial e ambiental* para que a valorização e conseqüente preservação e conservação sejam movimentos conscientes e espontâneos da comunidade local e não sob influências do dinheiro obtido pela atividade turística.

O Patrimônio Cultural é entendido a partir das modificações e inovações trazidas pela Constituição Federal de 1988 que, no artigo 216, utiliza a expressão *patrimônio cultural* para definir os bens de natureza material e imaterial, que são tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (BRASIL, 2000).

Nessa nova concepção, resumidamente, engloba os patrimônios históricos, bens culturais imóveis, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais, onde se destacam também aquelas provenientes das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras. E ainda nesta conceituação, abarca os patrimônios intangíveis, que são os conhecimentos do homem, é o saber-fazer; a este se incluem os usos, costumes, crenças, músicas, danças, festas e religiosidade. E por fim, os patrimônios naturais, que são os elementos pertencentes à natureza, ao meio ambiente natural.

A questão do patrimônio cultural é de extrema importância no sentido de que é um fator de resistência ao mundo globalizado, pois:

[...] além de servir ao conhecimento do passado, os remanescentes materiais de cultura são testemunhos de experiências vividas, coletiva ou individualmente, e permitem aos homens lembrar e ampliar o sentimento de pertencer a um mesmo espaço, de partilhar uma mesma cultura e desenvolver a percepção de um conjunto de elementos comuns, que fornecem o sentido de grupo e compõem a identidade coletiva (RODRIGUES, 2003, p.17).

Visando despertar a sensibilização da comunidade para as questões preservacionistas, acreditamos que o turismo pode ser empregado como um elemento eficaz, pois além da atividade gerar divisas à localidade, atua como atividade que promove o conhecimento, valorização e divulgação dos bens culturais. Para tanto, destacamos a necessidade de um planejamento turístico para as localidades, que desejam desenvolver o turismo, com metodologias que visem a sustentabilidade e o envolvimento da comunidade local. Pois esta, ciente dos impactos do turismo que podem ser positivos ou negativos, possui o direito de optar ou rejeitar a atividade.

Preparar a comunidade expondo os impactos negativos socioculturais - devido à ausência de planejamento - como sendo a descaracterização das tradições e costumes das comunidades receptoras, cujos mitos e ritos, que muitas vezes, são transformados em espetáculos para turistas; sentimentos de inveja e ressentimento frente aos hábitos e comportamentos diferentes dos turistas e a ostentação de tempo livre e dinheiro, muitas vezes escassos para os moradores locais.

Aumento dos preços de mercadorias, especulação imobiliária que encarecem e dificultam a vida dos autóctones; migração de pessoas originárias de regiões economicamente debilitadas para novos pólos turísticos, em busca de trabalho, causando um excedente na oferta de mão-de-obra e escassez de moradias, conseqüentemente, favelização (RUSCHMANN, 2002). Além dos impactos negativos proporcionados ao meio ambiente natural como desmatamentos; contaminação de mananciais de água doce; poluição sonora e ambiental provocada pelos meios de transporte; descaracterização da paisagem natural devido à construção de equipamentos para turistas (Ibid.).

Em contrapartida, o processo de planejamento pode proporcionar renda alternativa para a comunidade, uma melhor distribuição das atrações; criação de áreas, programas e entidades (governamentais e não-governamentais) de proteção da fauna e flora; o envolvimento da comunidade em programas de educação patrimonial e ambiental; desenvolvimento do *orgulho étnico* e, por isso, motivam-se e se engajam em campanhas preservacionistas, fiscalizam as ações destruidoras dos visitantes e atuam como condutores ou monitores locais.

Diante dessas reflexões, como forma de conservar os patrimônios culturais e edificados do município de São Pedro-SP, apresentaremos a seguir o projeto técnico intitulado

*Lugares de Gustavo Teixeira: re-visitando os patrimônios culturais são-pedrenses*². O objetivo geral da proposta foi desenvolver o turismo receptivo por meio de um roteiro temático no município de São Pedro. Este roteiro foi elaborado com base nos poemas e nos lugares freqüentados pelo poeta Gustavo Teixeira (1881-1937).

3. Delimitação do projeto técnico: Estância Turística de São Pedro

A elaboração do projeto foi, inicialmente, com base em pesquisas bibliográficas e documentais acerca dos aspectos históricos e geográficos do município de São Pedro e num segundo momento foram levantadas as poesias de Gustavo Teixeira relevantes para a confecção do roteiro. A partir dessa pesquisa foi traçado o itinerário básico a ser cumprido pelo roteiro, destacando os atrativos culturais e turísticos mais relevantes no percurso e como um dos resultados do trabalho foi a produção de um curta-metragem em que o centro antigo da estância turística foi apresentado por meio da vida e obra do poeta Gustavo Teixeira, além da implementação do roteiro que será futuramente demarcado com totens explicativos para identificar os patrimônios que compõem o itinerário.

4. Lugares de Gustavo Teixeira - texto que deu origem ao projeto³

O poeta das flores, das roseiras, o poeta do interior, o poeta parnasiano ou romântico? São várias as tentativas de se classificar o poeta são-pedrense Gustavo Teixeira. Sua poesia,

² Projeto criado por este pesquisador em 2007, apoiado pela Prefeitura Municipal de São Pedro e pelo Museu Gustavo Teixeira.

³ Texto publicado originalmente no Caderno Especial Gustavo Teixeira do Jornal A Tribuna, na Semana Gustavo Teixeira, em Setembro de 2007.

além de reconhecida qualidade⁴, é carregada de referências regionais. Em muitos poemas podemos notar as influências de sua terra natal, impressas em palavras e rimas. Sonetos construídos em versos alexandrinos revelam suas origens, tradições, memórias e saudades.

Ao ler as poesias de Gustavo Teixeira, identificamos um exemplo de vida refletida numa obra que versa sobre lugares e paisagens, que são os cenários de inspiração para sua escrita. Espaços que no momento presente percebemos que foram transformados e re-significados. É importante lembrarmos que o lugar é resultado das relações humanas, do contato homem e natureza. É marcado por relações sociais, pela história e cultura de um povo, sendo estes elementos os símbolos que identificam determinado grupo humano. A identidade está vinculada ao plano do que foi vivido, ao que é conhecido e re-conhecido. Ela contribui com nosso sentimento de pertencer a um lugar e se manifesta pelas formas de apropriação do espaço, sendo estas diretamente relacionadas aos lugares habitados, resultados da prática social.

Gustavo Teixeira valorizava muito o lugar são-pedrense. Poeta, artista de extrema sensibilidade, escrevia sobre os mais variados temas, dentre estes, notamos uma predominância de influências do ambiente interiorano que inspiravam a composição dos lugares presentes em seus poemas. Ele freqüentava o jardim público com o coreto e as árvores antigas que proporcionavam sombras; via a bela paisagem composta pela Serra de Itaqueri, as águas, riachos e ribeirões que refletiam pedaços de céu; a paineira, o cafezal, as roseiras, lírios e tantos outros elementos que faziam parte do cenário da época e que foram homenageados em versos rimados. Caminhava pela rua Coronel Veríssimo Prado, anteriormente conhecida como Rua Direita, que levava à estação ferroviária da Sorocabana, local que despertava a

⁴ Sua obra o Ementário, lançada em 1908, foi analisada e seus méritos reconhecidos por escritores como Goulart de Andrade, Coelho Neto, João do Rio, Luís Guimarães Filho, Alphonsus de Guimarães, Emiliano Pernetta. Gustavo Teixeira colaborou com revistas e jornais de São Paulo e Rio de Janeiro, tendo seus poemas reproduzidos no Correio Paulistano, O Comércio de São Paulo, A Notícia, a Musa, a Vida Moderna, a Ilustração Brasileira, Minerva, Rosa Cruz, a Gazeta de Notícias, o Jornal do Brasil, etc. Em 1937, a Academia Paulista de Letras reconhece os méritos de suas obras elegendo-o para a vaga de Paulo Setúbal, vaga esta que não vem a ser ocupada devido ao falecimento do poeta meses depois (TEIXEIRA, 1981b).

curiosidade e o interesse de muitos munícipes da época, porque era onde se esperavam os desembarques de passageiros, de novidades e esperanças oriundas das cidades maiores e da capital.

O poeta viveu na roça, na cidade, na casa do povoador, morada de seu tio Joaquim Teixeira de Barros, lugar este que, posteriormente, no ano de 1944, acolheu a primeira biblioteca pública municipal. Rezou na Igreja Matriz de São Pedro e acompanhou as transformações e o crescimento de sua cidade querida. Mas para onde foram os lugares de Gustavo Teixeira? Ou melhor, onde estão esses lugares? Muitos se encontram no passado. Talvez, apenas na memória dos são-pedrenses mais saudosistas, de mais idade, que tiveram o privilégio de conhecer estes bens culturais e que, infelizmente, acompanharam a destruição de (quase) todos. Podemos resgatá-los em registros fotográficos e, em alguns casos, vídeos, cujos ambientes compunham os cenários de nossas vidas.

As imagens podem resistir por mais um bom tempo, mas precisamos manter viva a memória, preservar e conservar nossos patrimônios culturais com o intuito de despertar o autoconhecimento da comunidade local e estimular o sentimento de pertencer a um lugar. Em outras palavras, a idéia de pertencer relaciona-se a um sentimento comum a todos que habitam um mesmo local, que são identificados por características marcantes da história e cultura de seu povo. Contudo, setenta anos após a morte do poeta, estamos novamente próximos à celebração de sua semana⁵. Não é a celebração de uma morte, mas das lembranças sobre todo o legado cultural deixado por Gustavo Teixeira, sendo suas poesias o nosso grande patrimônio cultural. Devemos manter viva a cultura são-pedrense incentivando as novas e futuras gerações a crescerem ouvindo e recitando Gustavo Teixeira, como forma de manter viva a memória do nosso maior poeta local. Memória esta que só pode ser preservada pelos próprios

⁵ No ano de 2007, foi realizada a 54ª Semana Gustavo Teixeira, que é um evento cultural promovido pela Secretaria de Cultura e Educação da Prefeitura do Município de São Pedro, cujo objetivo é manter vivo o legado cultural do poeta local.

conterrâneos do poeta, tendo em vista o seguinte pensamento do artista plástico Aloísio Magalhães: “a comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio”, reforçando, assim, que a comunidade local necessita reconhecer o seu papel cidadão no município, exercendo um comportamento responsável e preservacionista, participando dos eventos culturais que promovem sua própria cultura.

5. Aspectos históricos – breve contextualização

A região de São Pedro, que até o início do século XIX era coberta por matas que encobriam as encostas irregulares da serra Itaqueri, alongando-se pelas planícies até o vale do rio Piracicaba, onde alguns historiadores afirmam que foi uma região habitada pelos índios Paiaguás de etnia dos Carijós.

O local cortado por um caminho que ligava a Sesmaria do Limoeiro à Vila da Constituição (hoje Piracicaba), houve prosseguimento desse caminho no sentido oeste, que se tornou conhecido como Picadão, estrada essa que os antigos tropeiros penetravam nos sertões de Araraquara. Pela necessidade de pouso, os tropeiros escolheram a região entre os ribeirões Samambaia e Pinheiro, neste local, próximo a Serra Itaqueri e a estrada do Picadão, construíram um rancho, um curral e logo edificaram uma capelinha.

São Pedro recebeu, naqueles primeiro tempos, quando tropeiros e animais aqui descansavam, ao lado da estrada do Picadão, o nome de “Pouso do Picadão”. Mais tarde, com a construção da primeira capela, passou a chamar-se “Capela do Picadão”, já com início de uma pequena povoação (CHIARINI, 1981). Capela do Picadão, nome que não condizia com o arraial, marcado pela beleza da região situada entre o vale do rio Piracicaba e pela Serra Itaqueri (pedra mole). Assim, seus primeiros moradores queriam mudar o nome para algo mais expressivo como Itarecê, lugar junto ou próximo a Serra, ou então São Pedro, em

homenagem ao príncipe dos apóstolos, “tendo a maioria optado pelo de São Pedro” (ibid., p.20). Logo mais a povoação passou à categoria de Freguesia de São Pedro, em seguida, à Vila de São Pedro ou São Pedro de Piracicaba e mais futuramente, Município de São Pedro.

A região ganhou destaque nos idos de 1880, época em que as lavouras de café eram realizadas em sua maior parte, com o trabalho do negro africano. No entanto, a partir dessa data e com a abertura dos portos brasileiros para a entrada de imigrantes (1890 a 1895), muitas famílias, grande parte destas oriundas da Itália, vieram a dedicar-se à cultura do café e algumas se estabeleceram no ramo do comércio.

A região com sua privilegiada localização próxima da Capital, São Paulo, e, segundo Chiarini, “de acordo com o Relatório Estatístico de S. Paulo (1896), São Pedro estava entre os trinta e cinco municípios que mais exportavam café no Estado de S. Paulo”, fez com que uma expressiva quantidade de imigrantes italianos fossem habitar e trabalhar nas fazendas de produção cafeeira.

6. Poesias e o roteiro turístico

Além da contextualização e de se realizar um estudo sobre os aspectos geográficos do município, houve a necessidade de se pesquisar sobre a vida e obra do poeta Gustavo Teixeira, já que a proposta do roteiro temático é de contar a história do município por meio das poesias. Assim, poemas escritos no início do século XX, caracterizados como autobiográficos, que remetem às lembranças da infância do poeta na roça, foram selecionados por apresentarem elementos sobre os atrativos culturais e naturais da época. Essas informações são fundamentais para relacionar o passado com o momento presente, identificando o envolvimento e o amor do poeta pela sua terra, estabelecendo uma reflexão sobre a relação atual dos são-pedrenses com seus patrimônios culturais. Dentre as poesias

selecionadas, destacam-se: Casa paterna, Na roça, O bordado, O leque, A hora da morte, todas publicadas no livro *Ementário*, de 1908.

O Roteiro entrará em funcionamento no segundo semestre de 2008, previsto para iniciar na Semana Gustavo Teixeira, que acontecerá a partir do dia 22 de Setembro. Os patrimônios culturais que fazem parte do roteiro turístico são:

- Grupo Escolar: será o ponto de partida do roteiro, edifício de 1913 que acaba de ser restaurado e, desde o dia 27 de Junho de 2008, abriga o Museu da Cidade de São Pedro.
- Igreja Matriz de 1897; Praça Gustavo Teixeira - Jardim Público e o Coreto.
- Casa da Tia Rica; Cine Central – Íris Teatro; Casa de Maria de Lourdes Teixeira - Hotel Central.
- Praça do Fórum: Fórum (Câmara Municipal); Cadeia; Societá Italiana.
- Cemitério: término do roteiro onde está o túmulo do poeta Gustavo Teixeira.

O circuito tem a duração de trinta minutos pelo centro histórico e será desenvolvido, primeiramente, por meio de caminhadas e futuramente teremos o circuito feito por meio de veículos mediante as parcerias com empresas interessadas em participar do roteiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos fenômenos da contemporaneidade é essencial para que possamos refletir sobre o turismo, estabelecendo relações com as transformações sociais que implicam em novas configurações de sua conceituação e prática, uma vez que, não podemos dissociá-lo de tais mudanças por acreditarmos que este novo setor é fenômeno social, que mobiliza indivíduos a se deslocarem por motivações diversas e dentre estas, destacamos a cultura como sendo a base da atividade e mais do que isso: é a instituição de um novo paradigma, pois ao

longo da recente história do turismo, verificamos que a perspectiva econômica é limitada, impactante e insustentável. Diferente do enfoque da cultura que visa a sustentabilidade do meio ambiente, da diversidade e identidade cultural das comunidades tradicionais.

E para tanto, o turismo necessita ser trabalhado como um fator positivo para instigar a preservação e conservação dos patrimônios culturais e assim despertar o autoconhecimento das sociedades e o sentimento de *pertencer ao local*. Buscamos abordar esta questão como sendo uma brecha para a resistência da memória e da identidade cultural dos grupos humanos no mundo globalizado. Evitando a formação do não-lugar, a degradação dos bens culturais e tantos outros impactos socioculturais ocasionados pelos fenômenos nocivos existentes na pós-modernidade e por um turismo massivo sem planejamento.

Assim, a proposta de projeto técnico *Lugares de Gustavo Teixeira: re-visitando os patrimônios culturais são-pedrenses*, foi apresentada para exemplificar ações de educação turística e patrimonial de grande valia no processo de sensibilização de munícipes e turistas em relação ao desenvolvimento de comportamentos responsáveis e preservacionistas na localidade. A concretização dos cursos de formação de monitores culturais e a implementação do roteiro turístico temático servirão positivamente para a preservação sustentável e promoção dos patrimônios culturais são-pedrenses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, Marc. **Não- lugares**: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Campinas: Papirus, 1992.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 2 ed. SP: SENAC, 1998.
- BOULLÓN, R. C. **Planificación del espacio turístico**. México: Trillas, 1994.
- BOULLÓN, R. C.; MOLINA, S.; WOOD, M. R. **Um novo tempo livre**: três enfoques teórico-práticos. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 24ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos** – conflitos multiculturais da globalização. 4ed. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 1999.
- CARLOS, A. F. A. **Turismo e a produção do não-lugar**. In: CARLOS, A. F. A. (et al. orgs.) **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1996.
- FEATHERSTONE, M. **O desmanche da cultura** – globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.
- GASTAL, S. ; MOESCH, M. M. (orgs.). **Um novo turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- JAFARI, J. **La cientificación del turismo**: estudios y perspectivas en turismo. Buenos Aires: CIET, p.7-36, janeiro, 1994.
- LARAIA, R. de B. **Cultura**: um conceito antropológico. 16 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.
- MOLINA E.,S. **O Pós-turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.
- MOLINA E.,S.; RODRIGUEZ A., S. **Planejamento integral do turismo**: um enfoque para América Latina. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001, p.79.
- PORTUGUEZ, A. P. **Consumo e espaço** - turismo lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.
- RODRIGUEZ, M. **Preservar e consumir**: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, P. P.; PINSKY, J. **Turismo e patrimônio cultural**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- RUSCHMANN, D. **Turismo no Brasil** – análise e tendências. São Paulo: ed. Manole, 2002.
- SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Ed. Nova Cultural / Brasiliense: 1986.
- SEVCENKO, N. **O enigma pós-moderno**. In: OLIVEIRA, R. C. (et al.). **Pós-modernidade**. 5 ed. Campinas, SP: ed. UNICAMP, 1995, pp.43-55.
- SILVA, F. F. **As cidades brasileiras e o patrimônio cultural da humanidade**. SP: Peirópolis: EDUSP, 2003.
- TEIXEIRA, Gustavo. **Poesias completas**. 2 ed. São Pedro, São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo e Prefeitura do Município de São Pedro, 1981a.
- TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Introdução à poesia de Gustavo Teixeira**. In: TEIXEIRA, Gustavo. **Poesias completas**. 2 ed. São Pedro, São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo e Prefeitura do Município de São Pedro, 1981b.
- TRIGO, L. G. G.; PANOSSO NETO, A. **Reflexões sobre um novo turismo**. Política, ciência e sociedade. SP: Aleph, 2003.